

# A GLOGOGÊNESE NA LINGUÍSTICA HISTORICISTA NA URSS (DE UMA LINGUÍSTICA DA PALAVRA A UMA LINGUÍSTICA DO NOME)<sup>1</sup>

*Patrick Sériot*

## *Introdução*

A linguística soviética tende a se apresentar como 1) marxista-leninista, 2) social, 3) histórica. A palavra-chave aqui é *história*. Este artigo explora os fundamentos epistemológicos do discurso sobre a língua tal como ele se apresenta na linguística soviética dos anos

- 
1. Traduzido por Evelyn Tesche, Janyne Martini, Luciana Rangel, Luísa Trindade, Maria Eduarda Niederauer, Simone Ceré de Campos e Rafael Götz, Bacharelado em Letras, UFRGS. Revisão de Ana Zandwais e Patrícia Reuillard. Este artigo foi publicado pela primeira vez em Aix-en-Provence, no periódico *Travaux du Cercle linguistique d'Aix-en-Provence*, nº 4, pp. 147-177, 1986. Nós o reproduzimos aqui com algumas modificações, na versão adaptada para esta publicação. Agradecemos ao Prof. Patrick Sériot a autorização para traduzir, bem como a leitura de revisão feita com importantes sugestões. (© Patrick Sériot).

1960-1980, procurando trazer à tona suas origens em uma síntese complexa e contraditória entre romantismo e positivismo, muito distante da imagem geral “marxista” que lhe é dada no Ocidente.

Este trabalho provém de um projeto em andamento sobre a ideologia do nome e da transparência referencial na linguística soviética. Trata-se dos primeiros levantamentos dentro de uma questão complexa que contempla o conjunto epistemológico da linguística soviética.

A linguística soviética tende a se apresentar (nos manuais acadêmicos,<sup>2</sup> nos programas e balanços dos planos quinquenais,<sup>3</sup> nas grandes revistas de linguística ou em obras gerais... em suma, em toda situação institucional) como:

- 1) marxista-leninista,
  - 2) social,
  - 3) histórica
- (sendo os dois últimos pontos uma consequência do primeiro).

Essa concepção é tão cheia de significados que acaba por se aplicar à “linguística contemporânea” como um todo: “A ligação da história da língua com a história da sociedade é um axioma da linguística contemporânea” (Krysin 1984, p. 340). Ora, de qual “linguística contemporânea” se está falando exatamente? Um discurso sobre a língua que me parece bastante difundido, se não dominante, na URSS, sustenta-se em uma palavra-chave: *história*.

- 
2. Conferir Berezin (1975[1984, capítulo 14]).
  3. Conforme o conjunto de artigos consagrados ao 25º aniversário da Academia das Ciências da URSS, publicado ao longo de 1974 na revista *Voprosy jazykoznanija*, os consagrados ao 60º aniversário da linguística soviética na mesma revista em 1977 (conferir Berezin 1977); conferir também Filin (1977, 1981), assim como as obras coletivas Vinogradov (1964) e Filin (1968, 1970).

À guisa de exemplo, uma citação: “O historicismo [*istorizm*] *sempre* foi um dos princípios dominantes da linguística soviética” (Neroznak 1981, p. 90).<sup>4</sup>

Como interpretar essa afirmação, que concepção de língua está em jogo, que noção de tempo é evocada por “sempre”? Eis as questões que gostaria de abordar aqui.

Lembremos, antes de tudo, que a relação da língua com a história está presente como algo de ordem essencialmente epistemológica; o princípio histórico é uma condição de cientificidade da linguística: “Graças ao princípio da evolução, a gramática se torna científica” (Čikobava 1980, p. 4).

Por outro lado, as referências teóricas da linguística historicista são explicitamente extraídas do século XIX. Assim, Ruben Budagov cita Hermann Paul [1846-1921], o linguista alemão neogramático, segundo o qual “o único estudo científico da linguagem é o método histórico” (Budagov 1983, p. 62). Já Vasilij Abaev se apoia numa citação de Engels para afirmar que “conhecer a gênese de um fenômeno é o passo mais importante para conhecer a essência desse fenômeno” (Abaev 1970, p. 233).

Eu gostaria de saber, assim, em que medida essas afirmações, repetidas com frequência, podem servir para determinar a especificidade da problemática linguística na URSS, e também qual a ligação entre a linguística que chamarei “historicista” e os diversos modelos historicistas do século XIX.

Tenho como objetivo imediato, portanto, determinar as estratégias de um discurso que me parece institucionalmente dominante na linguística soviética: o *discurso historicista*. Como o conjunto da linguística soviética se articula com esse modelo dominante, quais são suas falhas e contradições, que relação a prática linguística na União Soviética mantém com essa concepção da cientificidade? E, como objetivo de longo prazo, pretendo estudar

---

4. Em todas as citações desse artigo, as palavras em itálico foram destacadas por mim.

a relação de dependência, determinação ou distanciamento entre a linguística soviética e aquilo que podemos chamar de ideologia dominante na URSS ou, ao menos, de discurso teórico dominante.

Vale lembrar, como prefácio a este trabalho, que a linguística soviética não é um todo coeso e homogêneo. Interessa-me apenas o discurso dominante, o discurso institucional da linguística soviética historicista (LSH), apontando algumas tendências dessa linguística “oficial”.

Logo, definirei a LSH, ou linguística dominante, como aquela que se autodenomina “linguística soviética”, que reivindica claramente um enraizamento e uma especificidade nacional, uma “tradição nacional”,<sup>5</sup> e que se opõe não àquela que lhe precedeu, mas que com ela coexiste fora da URSS.

### *O historicismo e suas formas*

#### Glotogênese, ou as narrativas sobre a origem

É um lugar-comum, em qualquer reflexão sobre a gênese da linguagem, lembrar que a *Société de linguistique de Paris* proibira, em 1866, em seus regimentos fundadores, a reflexão sobre os

---

5. Conferir Desnickaja (1981, p. 551) (a respeito do Instituto da língua e do pensamento, dirigido por Ivan Meščaninov nos anos 1930): “O papel desse instituto na formação das *tradições* da linguística soviética é um dos temas importantes da história da ciência soviética, que ainda aguarda seus desenvolvimentos”. Uma prova do caráter institucionalizado da especificidade nacional da linguística soviética é, por exemplo, a existência do “Conselho científico para estudo da teoria da linguística soviética, pertencente à Academia das Ciências da URSS”, órgão fundado em 1962, presidido por Viktorija Jarceva (conferir Neroznak 1981, p. 89), e que organiza regularmente conferências nacionais sobre diferentes temas com o objetivo de definir a especificidade da linguística soviética.

problemas da origem da linguagem. Ainda assim, é importante levar em conta esse conhecido fato para destacar que uma proibição como essa não afeta a LSH atual, que, pelo contrário, estuda de maneira perfeitamente explícita a gênese da linguagem como ramificação de uma área maior: a antropogênese.<sup>6</sup>

Atualmente, problemas como a origem da linguagem ou a relação entre linguagem e pensamento são tidos no Ocidente como filosóficos ou até mesmo claramente metafísicos. Essa é, em particular, a posição de Georges Mounin (1972, p. 233). Para a LSH, por outro lado, essas questões são internas à linguística, sendo parte integrante dela.

Na URSS, portanto, há outra maneira de se perceber o objeto da linguística, bem como uma divisão diferente entre o que é inerente à língua e o que lhe é exterior. Da mesma maneira, Abaev acusa a linguística burguesa de mascarar o *essencial*, a origem da linguagem: “Nenhuma teoria geral da linguagem pode ser considerada completa e acabada se não incluir uma concepção sobre a origem da linguagem” (Abaev 1970, p. 234). Do mesmo modo, Fedor Berezin (1975[1984]) esclarece que a origem da linguagem é um problema real, palpável e incontornável, e se a linguística burguesa não o aborda, isto somente comprova seu caráter não científico.

Eis alguns exemplos de caráter meramente especulativo, uma vez que baseados em hipóteses mais filosóficas do que linguísticas – próprios da antropologia soviética sobre a origem da linguagem:

---

6. Os temas de pesquisa sobre a gênese do homem e da humanidade são muito difundidos. Também são encontrados numerosos títulos, sobretudo em áreas mistas como linguística e etnologia. Por exemplo: *A origem da consciência e suas particularidades* (Protasenja 1959); *O surgimento e o desenvolvimento inicial da linguagem* (Leont'ev 1963); *A pré-história da inteligência* (Vojtonis 1949); *Problemas de desenvolvimento do psiquismo* (Leont'ev 1959); “A origem da fala de acordo com os dados da antropologia” (Bunak 1951); “Os estágios de desenvolvimento da fala e da inteligência na antropogênese” (Bunak 1966); *A questão da filogênese humana* (Tix 1956).

“Somente a concepção marxista da natureza e da sociedade permitiu entender de maneira correta o problema da origem da linguagem, do pensamento e do papel do trabalho” (Šermuxamedov 1980, p. 13). Por sua vez, Aleksej Leont’ev (1963, p. 46; p. 57; p. 66) retoma – como, aliás, também o faz Georgij Plekhanov (1912-1913[1949]) – a teoria de Noiré sobre a origem da linguagem nas onomatopéias *ho-ye-yo*, descobertas nos gritos e movimentos bucais e respiratórios produzidos por homens trabalhando juntos.<sup>7</sup> No entanto, Abaev refuta essa teoria ao afirmar que caso esses “gritos de trabalho” tivessem qualquer caráter psicofisiológico, eles teriam sido idênticos para/em todas as hordas primitivas que compartilharam o mesmo processo de trabalho.

Ele afirma, ao contrário, que, entre os homens primitivos, foi sua coletividade, vista em oposição a outras coletividades, que constituiu o objeto da primeira tomada de consciência. Ora, o primeiro objeto de consciência deve ter correspondido ao primeiro objeto de nomeação [*narečenie*], portanto “as primeiras palavras eram somente os nomes dos grupos socioprodutivos: antes de serem símbolos das coisas, elas eram símbolos das coletividades nominadoras [*narekajuščie*]” (Abaev 1970, p. 235). Então, essas “primeiras palavras” eram denominações de “nós” e “nosso”, muito antes de “eu” ou “meu” (Abaev 1970, p. 239). O sujeito do conhecimento não era o indivíduo, mas a coletividade. Consequentemente, no início, a função comunicativa da linguagem não era essencial: o importante era “encontrar uma expressão para a consciência nascente da personalidade coletiva” (Abaev 1970, p. 241).

Disso Abaev conclui que o surgimento das primeiras palavras enquanto símbolos sociais supõe como condição fundamental contatos permanentes entre duas ou mais coletividades

---

7. O “genial Noiré” já era citado por Bogdanov, em *Métodos de trabalho e métodos de conhecimento* como um marxista filólogo sem o conhecimento (originalmente citado em Gayman 1979, p. 174, e Gadet e Pêcheux 1981, p. 89, sem indicação de fonte).

(em oposição ou conflito) e que a linguagem não pode existir em um grupo humano isolado. Logo, a linguagem surgiu durante o paleolítico superior (Abaev 1970, p. 243).

Neste ponto, é interessante observar como essa perspectiva se afasta daquela de Crátilo: as formas lexicais são aleatórias (não motivadas) e, portanto, não têm significado algum por si mesmas. A origem da linguagem não é nem convencional nem natural, mas social: a tomada de consciência de si pela coletividade precedeu aquela do indivíduo. Da mesma forma, em um discurso moral que reitera que a coletividade está acima do indivíduo (Leont'ev 1984), insiste-se muito sobre o papel do *trabalho coletivo* no surgimento da linguagem.<sup>8</sup>

O mapa torna-se o território

O que é o aperfeiçoamento da língua?<sup>9</sup>

A) Especialização lexical: uma linguística da palavra

Uma parcela importante das teses da LSH repousa sobre a ideia de progresso e de aperfeiçoamento da língua.

Budagov, por exemplo, considera a história de uma língua como um aperfeiçoamento contínuo, um “movimento gradual em direção ao adiante” (Budagov 1983 p. 65), fazendo dessa teoria do progresso contínuo uma “tese marxista” (Budagov 1983 p. 77). A tese do aperfeiçoamento das línguas fundamenta-se sobre a ideia de *autonomização* progressiva da palavra na história: nas “línguas antigas”, as palavras dependiam mais do contexto do que das línguas modernas (Budagov 1983, p. 212; p. 216). Para exemplificar tal tese, Budagov usa como ilustração a “Revolução científica e técnica, [que] cria as condições favoráveis para um desenvolvimento amplo

8. Conferir Il'ičev (1983), artigo “Linguagem” [*Jazyk*].

9. Conforme o título da obra de Budagov (1977).

e rápido da terminologia, isto é, de palavras isoladas” (Budagov 1983, p. 217). Assim sendo, o “aperfeiçoamento” é, para esse autor, uma transparência referencial cada vez maior, um desaparecimento da língua por detrás do mundo a nomear. Esse aperfeiçoamento é quantitativo: a Émile Benveniste (1966[1974, p. 92]), para quem a língua russa permaneceu a mesma depois de 1917.

Budagov (1983, p. 76) responde que basta comparar o atual dicionário de Ušakov com qualquer outro dicionário anterior à Revolução Russa para se persuadir do contrário. Ou então ele faz a contagem das “novas palavras” registradas em russo: 1500 em 1977, 2300 em 1978. A língua, para Budagov, é a soma das palavras que a compõem.

Da mesma forma, Abaev fala do progresso da língua como sendo “uma diferenciação constante, um aumento e um enriquecimento do léxico” (Abaev 1970, p. 236). Então, o progresso na língua é associado a um movimento contínuo em direção à monossímia, com a ideia de “especialização” cada vez maior do léxico. Sendo esta, além do mais, quantificável.

Na base dessas formulações encontra-se, ao que me parece, uma concepção bem clássica da língua enquanto *reflexo do mundo*. O aperfeiçoamento é um reflexo cada vez mais preciso e exato, que equivale ao desaparecimento da *mediação* da língua na relação entre a linguagem e o mundo. Budagov subentende essa concepção pelas alusões a linguistas russos do século XIX como, por exemplo, Nikolaj Kruševskij [1851-1887]: “Kruševskij tinha plena razão quando formulou a lei fundamental da língua como lei de correspondência do mundo das palavras com o mundo das ideias. Quanto mais a língua evolui e se desenvolve, mais ela se aproxima deste ideal” (Budagov 1975, p. 26). Ideal esse que, lembremos, já era o de Leibniz, é o ideal clássico de *transparência total das palavras às coisas*, ou seja, o desaparecimento da língua e de sua ordem particular por trás da organização das coisas. Assim, o mapa acabará se tornando o território e a melhor das línguas seria, então, a não-língua.



Aqui é inútil insistir sobre o que essa concepção ignora: o problema da polissemia como condição necessária do implícito e da metáfora, o problema da autonomia relativa do significante, isto é, a problemática de Freud e, sobretudo, a de Lacan. Parece-me mais importante ressaltar que esse ideal de transparência, por meio da *adequação* progressiva das palavras às coisas, é a meta atribuída, na LSH, ao conhecimento científico, que é a nomeação adequada das coisas. A ciência, então, deve encontrar o elo que une o dizer e o saber, e conseqüentemente, o *ter*.

## B) Uma linguística do nome: a adequação

Na LSH, a língua, reflexo e nomeação do mundo, move-se num processo *gnoseológico*, que se assemelha ao progresso da Ciência. O aperfeiçoamento da língua é, desta forma, considerado em uma problemática de *adequação*, do nome ao objeto e do conhecimento ao mundo a ser conhecido.

O que é designado por Althusser, em particular, como “processo de produção dos conhecimentos” é aqui substituído por uma *nomeação* cada vez mais adequada do real. Parece-me que se está, neste ponto, no seio da metafísica ocidental do signo como adequação e reflexo, como substituição do impróprio pelo próprio, que remonta a Platão e se opõe, por exemplo, às teorias de gramáticos indianos como Panini. Abaev expõe esta teoria da adequação progressiva de forma bem explícita: “Superando gradualmente sua imaturidade e seus limites, as generalizações da linguagem humana aproximam-se cada vez mais das relações objetivas e reais entre as coisas, ou seja, tornam-se científicas” (Abaev 1970, p. 256). Do mesmo modo:

Com o progresso econômico, social e cultural, as seleções, abstrações e classificações realizadas na língua correspondem cada vez mais às relações objetivas do mundo real, e a rede colocada sobre a realidade objetiva pela língua aproxima-se da rede do conhecimento científico. (Abaev 1970, p. 260)

Observa-se nessas afirmações que, por um lado, o real já está estruturado antes que a língua organize nele um corte conceitual e, por outro, que a língua é um estoque de nomes que se aplicam a esse real. Na LSH, a língua é, deste modo, uma *nomenclatura*.

Estamos assim em uma linguística da *representação* do mesmo modo, se não mais, que em uma linguística da comunicação. Tudo isso lembra bastante as especulações do século XVIII sobre a língua perfeita com uma perspectiva, além disso, claramente finalista.

No entanto, ao mesmo tempo, e nos mesmos autores, encontra-se uma concepção da desigualdade do desenvolvimento das línguas próxima daquela do romantismo alemão.

#### A desigualdade das línguas

Na LSH, existe uma estreita relação entre, de um lado, a ideia do progresso das línguas para a adequação da representação e, de outro, a desigualdade das línguas.

Em nome do materialismo, Budagov (1981, p. 31) afirma que: “a língua é vinculada à sociedade de maneira direta e indissolúvel. Isso porque um diferente grau de desenvolvimento da sociedade condiciona um diferente grau de desenvolvimento da língua. Os linguistas materialistas não podem duvidar disso.”

É necessário salientar a equação geral *sociedade = povo* na LSH, o que explica a ligação contraditória com Wilhelm von Humboldt, a quem é consagrado, por exemplo, um capítulo inteiro no manual de história da linguística de Berezin (1975[1984, capítulo 4]).

Budagov (1983, p. 32) justifica as concepções de Humboldt, que, “[...] idealista na filosofia, defendia, no entanto, uma concepção antiautônoma da língua, revinculando a língua à cultura de uma sociedade e ao pensamento dos homens de uma determinada época.”

Como em Humboldt, encontra-se na LSH a ideia da língua vinculada ao povo que a fala, da língua como representação do pensamento, da relação entre povo evoluído e língua evoluída, e da oposição língua primitiva/língua desenvolvida.

A diferente história dos povos produziu, de acordo com Budagov, diversos graus de desenvolvimento das línguas. Apoiando-se em uma citação de Marx – “Embora as línguas mais evoluídas tenham leis e determinações comuns às das línguas menos desenvolvidas, é a diferença nesta base comum que constitui o seu avanço” –, Budagov (1983, p. 107) propõe o seguinte exemplo: as línguas antigas tinham um maior número de pronomes demonstrativos do que as línguas modernas. Um sistema de três pronomes é, por conseguinte, mais antigo do que um sistema de dois pronomes. As línguas “mais intensivamente desenvolvidas” têm, portanto, um sistema de dois pronomes (exemplo: o francês), enquanto as línguas “menos desenvolvidas” têm um sistema de três pronomes (exemplo: o espanhol e o português).

Contra “as declarações demagógicas sobre a igualdade plena de todas as línguas, em todos os tempos e em todos os povos”, Budagov afirma “o diferente grau de desenvolvimento das diferentes línguas, pois cada uma delas está atrelada a toda a cultura de seu povo, cultura cujo nível é sempre determinado historicamente” (Budagov 1983, p. 66). E acrescenta um pouco mais adiante a esse respeito: “Essa tese é o fundamento da linguística histórica marxista” (Budagov 1983, p. 99). Para Budagov trata-se, assim, de uma posição *materialista* que parte do princípio básico de que a língua depende da sociedade. No entanto, as numerosas referências feitas a Johann Gottfried von Herder e aos linguistas românticos alemães permitem igualar a sociedade (isto é, uma “formação social” na terminologia marxista) ao povo examinado da forma mais vitalista, e fazer, assim, julgamentos de valor sobre os diferentes estados de língua em relação aos desenvolvimentos desiguais do pensamento de cada povo.

### Evolução da ciência e ciência nacional

Althusser, depois de Bachelard, introduziu a noção de “ruptura epistemológica” na constituição de uma ciência. Trata-se de um “ponto sem volta” a partir do qual uma ciência se inicia (Pêcheux e Fichant 1969, p. 8), do “[...] momento no qual a ciência rompe com sua pré-história e com seu ambiente ideológico e toma consciência de seu objeto, de seus princípios e métodos por uma série de negações radicais, com frequência, contra a época e o meio” (Mounin 1972, p. 228).

A ruptura epistemológica não será encontrada na LSH. Bem pelo contrário: o *continuismo* é declarado de forma explícita com a noção de *preemstvennost'* (continuidade, sucessão). A LSH recusa qualquer ideia de ruptura, de descontinuidade, todas essas noções cuja importância Foucault demonstrou (particularmente em *A Arqueologia do Saber*).

Na introdução de seu manual da história da linguística, Berezin (1975[1984, p. 4]) declara:

O princípio histórico pressupõe a ideia de continuidade [*preemstvennost'*], o elo entre passado e presente, pois aquilo que é novo na ciência não é a negação do passado, mas somente sua transformação, seu aprofundamento e sua generalização em correspondência com o estado presente da ciência.

A história de uma ciência (neste caso, a Linguística) é, portanto, vista como uma mera evolução, tomada dentro de uma concepção linear do progresso, tese completamente positivista, e não dentro de uma problemática da descontinuidade, como na epistemologia pós-bachelardiana.

A história da formação e da produção dos conceitos da Linguística, a história da delimitação recíproca das disciplinas nas ciências humanas, a história dos modelos dominantes em Linguística e de suas determinações, tudo isso é trocado pelo continuísmo da ideia de *progresso* na ciência, ciência Linguística que “já” estava formada desde o princípio, como se seu *objeto*, enquanto objeto teórico, preexistisse de maneira empírica a toda investigação. É assim que se fala da linguística grega (com Diógenes) ou da linguística romana (com Lucrécio). Então, trata-se da *mesma* ciência, que estuda sempre, com maior ou menor êxito, o *mesmo* objeto.

A dialética do mesmo e do outro estará no centro desse trabalho sobre a gênese na LSH: *o que muda* na evolução da língua ou na história das ideias sobre a língua?

Parece importante destacar que as únicas clivagens reconhecidas na Linguística são as nacionais. Dessa forma, existe uma “tradição linguística nacional russa e soviética”.

A ideia de tradição nacional em ciência é, entretanto, estrangeira ao positivismo, mas longe de explicar a causalidade da mudança em ciência por suas determinações sócio-históricas, ela se aparenta mais a uma visão romântica do povo: a ciência é a expressão da cultura do povo.

A LSH parte, então, à procura de suas origens nacionais e de precursores. Ela não pode evitar o finalismo na história da Linguística: devem-se descobrir, na “tradição russa”, textos “materialistas” antes mesmo do próprio materialismo. Assim, recorre-se aos escritos de Vasilij Tatiščev [1686-1750] ou de Mikhail Lomonosov [1711-1765] para buscar os primeiros traços autênticos de uma visão materialista da língua. A “linguística soviética”, para a LSH, é uma disciplina plena, definida mais por sua especificidade nacional do que por seu objeto, assim como em outros lugares a linguística ocidental é um outro ramo do saber. Por exemplo, Budagov (1983, p. 129) destaca que:

O conjunto da tradição filológica russa e soviética sempre teve por característica considerar a gramática como a unidade orgânica das significações gramaticais e de sua expressão na língua, enquanto a linguística americana, igualmente em sua totalidade, caracteriza-se pela negação das significações gramaticais e por uma interpretação puramente formalista das funções gramaticais.

Em outra passagem de seu livro, ele relata que “o notável filólogo russo Nicolaj Kruševskij observava, em 1883, o ‘ceticismo’ da linguística ocidental, que pouco acredita na base real da língua” (tratava-se de uma crítica a Berthold Delbrück). E acrescenta: “a ligação da língua com a realidade foi interpretada de maneira muito diferente na ciência russa – mais tarde soviética – da linguagem” (Budagov 1983, p. 37).

Outra ilustração interessante dessa tese sobre a tradição nacional é a “redescoberta” das teorias eslavófilas do século XIX. Segundo Vladimir Kolesov (1984, p. 175), “só agora que as concepções de Hilferding começam a ser levadas em consideração”. Aleksandr Hilferding [1831-1872], historiador e folclorista, explicava que os dialetos eslavos permaneceram por muito tempo pouco diferenciados e, portanto, intercompreensíveis (em contraste com a fragmentação precoce dos dialetos românicos ou germânicos) pelo fato de que, entre os eslavos, o sentimento comunitário era mais forte que o sentimento individual, ao contrário do domínio individualista na Europa ocidental da Idade Média.

### A mudança na língua

O grande debate que permeou o século XIX sobre a natureza da Linguística como ciência natural ou ciência histórica não se dá mais, na LSH, em termos de conflito entre duas posições inconciliáveis. Com efeito, paradoxalmente, a língua, fenômeno tantas vezes declarado histórico, tem uma evolução de natureza claramente organicista. É a especificidade do modelo orgânico na LSH que vou abordar agora.

O modelo orgânico na LSH é certamente diferente daquele pertencente à *episteme* do século XIX.<sup>10</sup> Está totalmente ausente o tema romântico que se encontra com frequência em August Schlegel, por exemplo, de degenerescência das línguas (das línguas mães perfeitas à prole corrompida), com um período pré-histórico de desenvolvimento e um período histórico de declínio. Por outro lado, a ideia da “intervenção consciente e ativa” dos linguistas sobre a língua é incompatível com um organicismo no sentido estrito, que implicaria, como dizem Franz Bopp e August Schleicher, que a língua é um organismo natural, submetido a um processo de desenvolvimento próprio, interno, biológico, e não histórico (conforme Hegel, “a natureza não tem história”).

Se existe a possibilidade de falar de modelo orgânico, é na ideia de continuidade da *matéria* da língua através de sua evolução no tempo. Sem dúvida, a causalidade das mudanças linguísticas é reduzida essencialmente aos fatores externos (sociais), ou seja, tanto o modo de produção quanto a “vida do povo”. Abaev se opõe ao evolucionismo naturalista do século XIX: ele não reconhece como causa determinante da evolução da língua “o desenvolvimento do cérebro e da inteligência sem qualquer ligação com uma organização socioprodutiva”; ele recusa uma “concepção do surgimento da linguagem como resultado de uma evolução biológica natural” (Abaev 1970, p. 237). Para ele, o processo de hominização do animal é a passagem do biológico ao social.

No entanto, a língua, em suas mudanças, é descrita como uma *matéria viva*, com potencialidades próprias que tem maior ou menor desenvolvimento de acordo com o meio no qual ela evolui. Reconhece-se, aqui, a influência do darwinismo, que desempenha um papel considerável nas especulações histórico-genéticas da LSH atual.

Abaev (1970, p. 243) afirma que o único método válido em Linguística consiste em estudar

---

10. No sentido de Michel Foucault.

[...] de que maneira, no parco inventário das primeiras palavras, encontram-se enraizadas as vigorosas potencialidades de desenvolvimento e de florescimento da linguagem humana, em toda a riqueza e complexidade de sua organização, em toda a diversidade de suas realizações. Em suma, é nas próprias fontes da linguagem que uma teoria glotogônica ótima deve descobrir as forças motrizes de todo o desenvolvimento da língua.

Deve-se destacar, aqui, a metáfora implícita da semente: o todo orgânico é dado de imediato, a língua é um organismo vivo com *potencialidades*, que se desenvolvem com maior ou menor plenitude de acordo com o meio humano. Este vai atualizar as potencialidades *já* inscritas inicialmente. Essas potencialidades de germinação guardam o mistério do primeiro grão, do caroço inicial que se desenvolve. Abaev observa o grande poder de abstração dos povos primitivos que têm, por exemplo, um nome para designar a força mágica que impregna os seres vivos e os elementos naturais. Ele postula:

Essas ideias não exprimem unicamente uma fragilidade da capacidade cognitiva. Elas também traduzem sua força, a grande força generalizante de que desde o começo a linguagem humana [*čelovečeskoe slovo*] é dotada. Nessas ideias, *como em uma semente* [*kak v zarodyše*], já estiveram visíveis os primeiros lampejos das futuras generalizações científicas. Elas foram a garantia do desenvolvimento ilimitado das capacidades cognitivas do homem, do imenso progresso do conhecimento humano. (Abaev 1970, p. 256)

O organicismo latente da LSH é atenuado pelo papel determinante do *meio humano*. Com efeito, encontra-se na LSH uma variante particular do tema vitalista: a imagem da *fecundação*. Trata-se da metáfora do transplante, para um organismo selvagem e pouco desenvolvido, de um elemento selecionado e elaborado.

Desse modo, por exemplo, Gadži Gamzatov (1983, p. 243), a respeito da “influência” do russo sobre as línguas do Daguestão,



aborda “a estimulação de seus recursos e de suas potencialidades internas, [desenvolvimento de suas estruturas, aperfeiçoamento de suas normas fonéticas, morfológicas e sintáticas, desenvolvimento de seu sistema estilístico [sob influência do russo]”.

Da mesma forma, Junus Dešeriev (1980, p. 138) fala da “estimulação dos traços de desenvolvimento comuns às línguas em interação, [do] desenvolvimento das potencialidades da palavra nas línguas em interação” a respeito do bilinguismo russo-ucraniano na Ucrânia.

Deve-se notar claramente que o papel do meio (meio humano ou contato entre línguas) pode ser apenas o de fazer avançar mais ou menos rapidamente um desenvolvimento *já* inscrito em potencial em uma perspectiva continuísta e linear. Para Budagov (1981, p. 31),

[...] na concepção marxista da língua tudo está conectado. É particularmente importante ressaltar a diferença existente entre o conceito de igualdade total de todas as línguas naturais por sua natureza e o de desigualdade das línguas por seu nível de desenvolvimento sócio-histórico (línguas mais desenvolvidas e línguas menos desenvolvidas). Nesse primeiro caso, não há nada de “ofensivo” para as línguas menos desenvolvidas: *basta criar condições favoráveis para elas*, e essas línguas adquirem, por fim, a possibilidade de se aperfeiçoar constantemente.

Justifica-se assim uma espécie de tese do *desenvolvimento separado*, e deve bastar uma política lexical voluntarista para compensar esse atraso. Desse modo, Budagov (1977, p. 71) constata: “o enriquecimento do léxico das línguas que, em seu próprio tempo, não se beneficiaram de condições favoráveis para seu desenvolvimento, e que atualmente crescem graças à introdução de palavras correntes vindas de outras línguas.”

Esta ideia geral do progresso contínuo (da língua, do pensamento, da ciência e da técnica) em um tempo linear é uma

concepção evolucionista da História, de uma História contínua e não contraditória, vista como simples cronologia, ou seja, uma gênese. O “progresso” na língua é paralelo ao progresso da humanidade em geral: para a LSH, o tempo, na mudança linguística, é a acumulação do trabalho de gerações sucessivas de um povo sobre sua língua.

Dessa forma, Viktor Kostomarov (1975, p. 167) escreve: “As gerações de russos, usando sua língua, enriquecendo-a e aperfeiçoando-a, introduziram em suas formas, refletiram em suas palavras e grupos de palavras, sua natureza, história, poesia e filosofia”. Esse tema do trabalho das gerações sucessivas sobre a língua é encontrado em autores como William Whitney, mas me parece mais correto fazê-lo remontar à filosofia de Hegel, para quem “a língua é o depósito do pensamento”.

A História como gênese: este poderia ser o tema geral deste artigo. De fato, na LSH se fala com frequência da *estagialidade* [*stadial'nost'*], como em Nicolaj Marr, e a própria LSH é às vezes considerada na França como “neomarrista”. Entretanto, ao meu ver, não se deve se deixar levar pelas aparências. A *estagialidade*, tal como apresentada atualmente, não tem mais fortes ligações com a teoria marrista. Com efeito, Budagov (1983, p. 94) define a *estagialidade* como “a regularidade do desenvolvimento da língua ligada ao desenvolvimento do pensamento, ao nível de desenvolvimento da cultura (no sentido amplo) de um povo, de uma sociedade”.

Nele não há nenhuma demonstração de uma teoria dos estágios, agora substituída pela ideia do desenvolvimento contínuo da cultura do povo. Assim, o historicismo militante da LSH passou de uma visão fortemente descontinuísta com Marr a uma visão continuísta. Budagov, por exemplo, fala de *periodização*, a respeito da história do russo, e emprega a palavra virada, período transicional [*perelom*].

Uma dessas viradas para o russo foi o período de 1800-1820, graças ao trabalho de Aleksandr Pushkin sobre a língua. No entanto, para ele, além de a língua ser confundida com o estilo de um escritor, a influência do meio humano é reduzida à dos grandes homens, que aperfeiçoam e melhoram a língua. Esse ponto de vista está muito

distante do das pesquisas tipológicas de Meščaninov, que estudava o reflexo das transformações socioeconômicas na passagem de um sistema ergativo a um sistema nominativo.

Concluirei esta primeira parte dizendo que o historicismo da LSH, por mais confuso que seja, deve ser relacionado a uma concepção própria à primeira metade do século XIX. O fato de Budagov (1983, p. 60) citar Herder como sendo “o primeiro linguista a ter uma concepção da evolução histórica como processo submetido a leis” ilustra isso. Herder, citado muito assertivamente por Berezin (1975[1984, pp. 24-25]), o mesmo Herder que foi o primeiro a estabelecer a correlação *língua = povo*.<sup>11</sup>

A causalidade das mudanças linguísticas pode ser, portanto, externa (o regime sociopolítico ou o povo como um todo) e interna (organicismo, germinação). Entretanto, o conflito é apenas aparente entre o sociologismo e um evolucionismo assimilado ao aperfeiçoamento. Agora há uma proximidade maior com Antoine Meillet do que com Marx.

Em minha opinião, o que se deve ressaltar é que o que muda, o que evolui, é a *palavra*, considerada como *matéria*. Esse será meu segundo ponto: o substancialismo.

### *Causa e consequência do historicismo: o substancialismo*

A língua é uma nomenclatura

É possível mostrar que a prática da LSH é coerente a partir de uma certa concepção da língua. As pesquisas sobre a origem podem não ser consideradas uma questão metafísica pela LSH porque se

---

11. Conferir a introdução da antologia *A Linguística soviética em 50 anos* (Filin 1967, p. 7): um dos traços característicos da linguística soviética é apresentada como “o estudo histórico da língua relacionada com a história do povo que a fala”.

inscrevem em uma visão da língua (e não só da linguagem) como *substância*.

Na LSH a língua é uma nomenclatura; ela é a nomeação de um real cujo recorte conceitual preexiste à operação de nomeação. Portanto, o real é estruturado em si, independentemente de toda dizibilidade.

A concepção materialista da língua, advogada por um autor como Budagov, parece-me próxima de um *realismo* substancialista: partindo da “tese marxista indiscutível da existência objetiva da língua” (Budagov 1983, p. 193), Budagov atribui a cada palavra um sentido próprio, “fundamental”, que se pode atribuir ao fato de esse sentido ser o primeiro dado nos dicionários monolíngues (Budagov 1983, p. 191; p. 194; p. 202). Assim, ele se opõe a toda uma tradição proveniente de Ludwig Wittgenstein, de que o sentido de uma palavra está no seu uso e, mais ainda, se opõe explicitamente à teoria de Saussure, de que o sentido de uma palavra é seu *valor* referencial (a língua como sistema de relações negativas e não como nomenclatura). A teoria saussuriana do valor é interpretada por Budagov (1983, p. 55) como um “relativismo absoluto” e assimilada ao solipsismo de George Berkeley.

Considerando a língua como um estoque de palavras, Budagov (1983, p. 208), ao que me parece, transpõe a “tese marxista da existência objetiva dos sentidos fundamentais” para uma concepção atomística da significação, assimilada à designação transparente pura e simples do objeto pela palavra, o que, paradoxalmente, lembra muito a análise de Bertrand Russel ou as teorias da linguagem vindas do platonismo.

A concepção substancialista de Budagov sobre a língua, em minha opinião, parece-se com uma ontologia vitalista da língua, análoga a certas correntes do século XIX (de Humbolt a Schleicher).<sup>12</sup> Ele afirma, em especial, que:

---

12. Conferir igualmente a introdução da antologia *A Linguística soviética em 50 anos* (Filin 1967, p. 4): o século XIX é apresentado como a época em que se

Na medida em que a língua materna de cada indivíduo existe fora da sua consciência, a língua em si se apresenta como uma substância determinada. As pessoas nascem e morrem, mas sua língua materna, que passa de geração em geração, continua a viver, conservando sua substância. (Budagov 1983, p. 56)

Deve-se insistir no fato de que essa teoria substancialista se baseia na filosofia materialista. Berezin (1977, p. 17) declara: “os linguistas soviéticos são guiados pela concepção materialista dialética da natureza da língua e de suas funções sociais, pelo reconhecimento da primazia da substância sobre as relações existentes nessa língua.”

A possibilidade de se fazer perguntas na LSH como a da origem da linguagem existe porque a história da língua é uma história das palavras, do léxico, que forma a própria matéria da língua. Disso decorre que o léxico é mais importante do que a “gramática” (ao que me parece, nesse contexto, por “gramática” entende-se a morfossintaxe).

Abaev (1970, p. 235) diz:

Falando da origem da língua, temos sempre em mente a origem das palavras, do léxico de designação concreta [*predmetnoznačimyj*], e não da gramática. O léxico e a gramática são coisas diferentes, genética e funcionalmente. O léxico de designação concreta está totalmente relacionado com a realidade objetiva, a gramática está ligada a esta apenas por alguns de seus elementos (por exemplo, as classificações nominais, se elas têm uma expressão morfológica). No léxico é o aspecto cognitivo da língua que está em primeiro plano, na gramática, é o aspecto técnico comunicacional. O léxico é o modo de vida [*byt*] tomado pela consciência social. A gramática é o conjunto de procedimentos socialmente determinados da organização do material linguístico tendo em vista a comunicação. Na medida em que essa elaboração

---

estuda a substância da língua, em oposição às gramáticas especulativas dos séculos XVII, XVIII e XX.

se desenvolveu progressivamente, baseada em um material lexical já existente, o léxico precede cronologicamente a gramática. Não há e não pode haver teoria da origem da linguagem que explique simultaneamente a origem do léxico e a da gramática.

Pode-se então voltar à pergunta já feita: o que se altera na mudança linguística? Para Abaev, a resposta é clara: o invariante da mudança é a matéria linguística, só as *formas* de cada palavra mudam. Tem-se assim uma teoria da conservação da matéria através de suas metamorfoses, análoga ao que se passa na química. O russo moderno seria, portanto, consubstancial ao velho-russo.

Abaev (1970, p. 242) apresenta esta ideia:

Ainda que as palavras empregadas hoje tenham a mesma idade dos instrumentos de pedra da época pré-histórica, que enorme diferença existe entre estes e aquelas! O machado de pedra que vemos hoje é quase igual ao que saiu das mãos do artesão que o criou; as palavras da nossa língua, antes de adquirir o invólucro sonoro e o sentido nos quais nós as empregamos agora, sofreram durante milhares de anos tantas transformações e metamorfoses fonéticas, derivacionais e semânticas que é tão impensável reconstituir a maneira como eram pronunciadas e o que significavam na boca dos homens da idade da pedra quanto determinar pela forma e o aspecto de nossos móveis qual era a aparência das árvores de que foram feitos.

Parece-me que a analogia com os móveis é esclarecedora: é da mesma matéria que são feitos os móveis e as árvores, como são as mesmas palavras que evoluíram, deformando-se no decorrer do tempo, e de modo nenhum um sistema de relações.

Por fim, uma consequência do substancialismo é a ideia, fundamental na LSH, de “intervenção ativa dos linguistas na língua”. Para Saussure, a materialidade formal da língua se opõe ao domínio dela pelos locutores; uma vez que se trata, em contrapartida, de uma materialidade empírica e substancialista, pode-se então intervir nessa matéria e no seu futuro.

## A intervenção ativa

Em um número recente da *Revue des études slaves*, um artigo apresentava a ideia de intervenção na língua como uma utopia pura e simples, no limite da aberração (L'hermitte 1984). Parece-me mais importante mostrar como certa concepção da língua determina certo *trabalho sobre a língua*.

Assim, para Budagov (1983, p. 5), “o caráter objetivo da existência da língua não impede o povo (e em primeiro lugar seus mais eminentes representantes) de exercer uma ação sobre a língua materna”. Essa posição estabelece a possibilidade de uma *política linguística* (já era a posição de Lev Jakubinskij contra Saussure<sup>13</sup>).

A meu ver, um ponto deve ser salientado: a intervenção ativa dos locutores na língua é realizada por todo o povo enquanto um todo homogêneo e, sobretudo, consciente: trata-se de um *povo falante*, como se diz o *sujeito falante*. Abaev (1970, p. 241) diz explicitamente: “[...] o sujeito do conhecimento não é o indivíduo, mas a coletividade”. O povo é sujeito, tal como o é a *nação* para Meillet, como entidade dotada de uma capacidade de raciocínio consciente sobre a língua, exterior à língua. Budagov (1983, p. 127) declara:

A linguística histórica se esforça para dar conta do que se passa na língua. Entretanto, é necessário lembrar que esta não é a primeira causa de todas as mudanças linguísticas. Tal causa primeira não existe, a não ser que seja a mais geral: *a aspiração das pessoas de fazer da língua um meio mais adequado* para transmitir seus pensamentos e seus sentimentos.

Justifica-se a intervenção consciente da coletividade dos locutores (do que chamei de “povo falante”) em nome da adequação das palavras e do mundo a ser dito. É grande a distância de Wittgenstein e Lacan e da impossibilidade da metalinguagem [é

---

13. Confrontar Jakubinskij (1931).

grande]: para Budagov, a tomada de consciência da relação língua/real é extralinguística.

Como essa intervenção consciente e ativa se realiza na URSS segundo os textos da LSH? Há, é claro, o trabalho criador dos grandes escritores, mas se trata, na verdade, do trabalho de normalização da língua pelos linguistas: os linguistas dirigem a evolução da língua, fazem recomendações em revistas especializadas (por exemplo, *Russkaja reč'*) e podem, por conseguinte, fazer *previsões* sobre o decorrer da revolução da língua. Kostomarov (1975, p. 46) discorre, sobre a situação das línguas na URSS:

Na situação atual de bilinguismo e de contatos aprofundados entre as línguas, as línguas não se enriquecem mais mutuamente por um efeito espontâneo, mas por uma intervenção conscientemente dominada. Os linguistas, por exemplo, controlam atentamente o avanço dos empréstimos lexicais, a evolução da base terminológica comum a todas as línguas da URSS.

Do mesmo modo, Ivan Beloded (1977, p. 12) declara:

A ciência linguística deve intervir na vida da palavra na literatura, pois ela é responsável por isto, na teoria e na prática, assim como é responsável por todo o conjunto da língua normativa falada por todo o povo. A ciência linguística deve intervir na vida da língua normativa [*literaturnyj jazyk*] e elaborar recomendações, baseando-se, ao mesmo tempo, nas realizações da ciência, na experiência social, na prática linguística normativa, e nas riquezas linguísticas orais da genialidade linguística criadora do povo.

### *Um objeto de ciência inapreensível*

#### O real da língua

Em Marx, Engels ou Lênin, o problema da língua não é ainda uma questão fundamental na luta ideológica. Na URSS, ao contrário do que ocorre no Ocidente, a linguística não é o modelo teórico



dominante para as ciências humanas. Esse papel é preenchido pelo historicismo, como explicação causal de todo fenômeno, porém sob uma forma que me parece não muito distante do que Foucault chamava de *episteme* do século XIX. O resultado é uma série de paradoxos.

A LSH é inteiramente dominada pelo tema central do antissaussuriano, em nome do materialismo histórico, que, segundo os linguistas citados, entende a língua como substância real, cujas relações entre os elementos são apenas secundárias diante dos próprios elementos, vistos como primordiais. Gostaria de defender agora a tese de que essa posição antissaussuriana não é outra senão a de uma recusa ao objeto teórico da linguística e à sua autonomia como ciência.

Em sua recusa ao sistema, a LSH se caracteriza por um empirismo declarado, por uma rejeição da especificidade do objeto de conhecimento e da constituição de um objeto teórico. Lembro a oposição que Althusser faz entre o *objeto real* como objeto empírico concreto, preexistente a toda investigação, e o *objeto de conhecimento*, resultante da adoção de um ponto de vista sobre o real, que permite se apropriar a partir do conhecimento. Além disso, esses dois objetos não são exteriores um ao outro, mas entram em uma relação contraditória.

É notável, por exemplo, que a LSH cite com mais frequência Meillet do que Saussure, aprovando seu culto ao *fato*: neste sistema de valores, a abstração é algo negativo, enquanto o fato é valorizado.

Quando falo de empirismo declarado da LSH, quero dizer que o *objeto* da Linguística não é *construído* no interior de uma teoria, mas *já é dado* na transparência de uma abordagem empírica. Em outras palavras, a LSH rejeita a ideia de que *o ponto de vista cria o objeto*.

O modo de apropriação científica do real se realiza então em uma visão substancialista do objeto de estudo e em um método *atomista*, ou seja, uma negação absoluta da teoria saussuriana do

valor. Tomarei um exemplo na teoria do fonema proposta por Lev Ščerba. Para ele e para a “Escola de Leningrado”,<sup>14</sup> o fonema é um “som fundamental”, um som mínimo, a invariante das variantes de pronúncia, uma espécie de menor denominador comum, em todo o caso, uma substância fônica. O fonema é posto em evidência por meio de um método *indutivo*: a partir de *atos* empiricamente constatados estabelecem-se generalizações. O fonema, por consequência, é um *som*, feito da mesma *matéria* que os outros sons, mas essa matéria fônica é portadora de sentido. Vejamos a definição, por exemplo, que apresenta Magomet Isaev (1977, p. 4): “[...] os fonemas são os sons fundamentais que permitem uma diferença de sentido”.

A LSH recusa, portanto, considerar uma materialidade de ordem formal, diferencial; o materialismo que ela prega lhe permite reconhecer somente um modo realista de existência do objeto de ciência.

Parece que dois problemas são então confundidos: o real *na* língua e a ontologia *da* língua. Budagov (1983, p. 40) interessa-se pelo “fundamento real da linguística, [pela] realidade das categorias das quais se ocupam os linguistas”. Passa-se a uma concepção *realista* das categorias gramaticais. Budagov (1983 p. 47) deplora que “não saibamos ainda quantas subcategorias possui o instrumental nas línguas eslavas”. Essas categorias têm sua existência presumida *antes* de qualquer investigação, esperando serem descobertas. Dessa forma, o objeto de conhecimento é assimilado ao objeto real.

---

14. A fonologia da “Escola de Moscou”, com Aleksandr Reformatskij, repousa sobre princípios teóricos muito diferentes. Os exemplos e citações que apresento não pretendem, de forma alguma, ser “representativos” de toda a “linguística soviética”, mas de uma corrente de pensamento caracterizada pela desvalorização da ideia de valor em benefício da ideia de substância, que supostamente representa a “linguística soviética” em seu conjunto.

A recusa à materialidade formal diferencial da língua implica uma não teorização da oposição sincronia/diacronia, que provém, sem dúvida, de uma leitura muito redutora de Saussure, através de um estruturalismo clássico visto como negação da história. Ora, parece que para Saussure a sincronia só pode ser interpretada na sua oposição à diacronia e não isoladamente.

A LSH se fundamenta em uma citação de Engels, que diz que somente conhecemos bem um fato se conhecemos sua história, ou seja, sua gênese. Sendo todo fato histórico, não é possível existir *oposição* entre sincronia e diacronia, ou seja, essa oposição é impensável.

Para Saussure, o sistema constitui o requisito prévio para considerar os problemas ligados à mudança linguística. Sua teoria do valor torna impossível a história da língua como história de uma substância: o que muda são relações, não coisas. As mudanças não podem ser pensadas a partir do modelo do organismo, o que implica reconhecer a *autonomia radical* de cada sistema linguístico.

Parece-me interessante constatar que na LSH não é possível haver reconhecimento da autonomia dos sistemas, conforme a seguinte opinião de Budagov (1983 p. 32): “O problema foi posto de maneira científica somente no século XIX. Trata-se do método histórico-comparativo: o que é o parentesco das línguas e o que não é?” A LSH, pela ênfase no estudo do parentesco e da evolução das línguas, dos cruzamentos, das influências etc., chega, dessa forma, à ideia de que existe algo da substância de uma língua na substância de outra língua: os *mesmos* elementos evoluem e se misturam, por *osmose*.

O materialismo substancialista está assim fundamentalmente ligado à busca pela origem (como visto em Abaev 1970). Alguns linguistas destacam até mesmo um problema muito antigo, o da existência enquanto tal da língua-mãe indo-europeia: “As tendências formalistas se manifestam nos trabalhos de alguns

comparativistas: elas aparecem na negação da correspondência das protoformas reconstruídas com *realidades* linguísticas pré-históricas” (Mel’ničuk 1983, p. 201). Uma concepção da língua como substância é uma condição necessária para a busca da língua indo-europeia enquanto língua. Essa questão, simplesmente, perde seu sentido, quando se sustenta que o objeto de conhecimento da linguística é um sistema de valores diferenciais.

Quanto à ideia de evolução da *matéria* linguística, ela está ligada à concepção da história como gênese e não como descontinuidade. Gênese que é ao mesmo tempo organicista e sociologista.

### A ordem da língua

A LSH não reconhece uma *ordem própria* à língua. Nessa teoria, a língua tem o conjunto de suas determinações fora de si mesma. Estudam-se as leis constantes de evolução da língua, mas a determinação da mudança é exógena àquilo que muda. A LSH, certamente, toma como objeto “a natureza da língua”, “a ontologia da língua”, mas, na verdade, o essencial de sua abordagem é uma pesquisa às margens da língua: língua e pensamento, língua e sociedade, língua e história. As declarações da LSH sobre as pesquisas das leis universais de evolução das línguas se tornaram deste modo, a meu ver, sem efeito na medida em que esta linguística é privada de objeto teórico próprio, dependente de outros setores científicos que, de um ponto de vista exógeno à língua, estudam as determinações dela. A LSH é uma *linguística das margens*.

A prática da LSH é, portanto, paradoxal. Apesar de se apoiar em uma violenta recusa ao positivismo, ela mantém alguns traços característicos dele:

— contra a abstração, assimilada do idealismo, ela se prende aos “fatos” concretos, cuja acumulação deve, por *indução*, conduzir à verdade.

— ela se compromete a seguir o progresso da ciência, do pensamento, da humanidade em geral, em um tempo contínuo em que a História é uma gênese; este último ponto a assimila igualmente ao cientificismo.

Deve-se deslocar as dicotomias e clivagens teóricas tradicionais, e não é certo que existam ainda categorias adequadas para caracterizar inteiramente a LSH.

### *Conclusão*

Tentei mostrar que a concepção da língua como uma substância permite estudar a história da língua e a História na língua, deixando de lado a oposição diacronia/sincronia, e, ao mesmo tempo, privando a linguística de todo objeto teórico específico.

A meu ver, os textos que mencionei – todos posteriores a 1970 – se inscrevem no interior da *episteme* do século XIX por seu foco anti-histórico em um discurso fundamentado em uma palavra-chave: a História, pela mistura do tema vitalista do desenvolvimento e positivista do progresso.

Finalmente, eis o que pode servir de objeto empírico à LSH: a língua como substância, como estoque lexical, estoque de nomes das coisas. Nesse sentido, ela não é de forma alguma neomarrista, pois, para Marr e Meščaninov, a língua era antes de tudo um tipo de organização sintática. Trata-se de um novo período da linguística soviética em geral, que deve ser cuidadosamente distinguido do período que antecedeu a “discussão de 1950”.<sup>15</sup>

---

15. N. T.: Discussão que tinha como objetivo pôr fim à dominação do marrismo. Conferir SÉRIOT, Patrick (2008). “Generalizar o único: gêneros, tipos e esferas em Bakhtin.” *Línguas e instrumentos linguísticos*, nº 21, jan/jun. Tradução Eni P. Orlandi. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao21/cronicas.html>. Conferir ainda ABAEV, Vasilij Ivanovič (1969).

## Referências

- ABAEV, Vasilij Ivanovič (1970). "Otraženie raboty soznanija v leksiko-semantičeskoj sisteme jazyka", [O reflexo do trabalho da consciência no sistema léxico-semântico da língua], in: FILIN F. P. (ed.) *Leninizm i teoretičeskie problemy jazykoznanija*. Moscou: Nauka, pp. 232-262.
- BELODED, Ivan Konstantinovič (1977). "Naučno-texničeskij progress i jazyk xudožestvennoj literatury" [O progresso científico e técnico e a língua da literatura], *Voprosy jazykoznanija*, nº 3, pp. 3-12.
- BENVENISTE, Émile (1966[1974]). *Problèmes de linguistique générale*, t. II. Paris: Gallimard.
- BEREZIN, Fedor Mixajlovič (1977). "Sovetskomu jazykoznaniju - 60 let" [A linguística soviética há 60 anos], *Voprosy jazykoznanija*, nº 5, pp. 13-26.
- \_\_\_\_\_. (1975[1984]). *Istorija lingvističeskix učenij* [História das teorias linguísticas]. Moscou: Vysšaja škola.
- BUDAGOV, Ruben Aleksandrovič (1975). "Čto takoe obščestvennaja priroda jazyka?" [O que é a natureza social da língua?], *Voprosy jazykoznanija*, nº 3, pp. 3-26.
- \_\_\_\_\_. (1977). *Čto takoe razvitie i soveršenstvovanie jazyka?* [O que é o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da língua?] Moscou: Nauka.
- \_\_\_\_\_. (1981). "K voprosy o meste sovetskogo jazykoznanija v sovremennoj lingvistike" [O problema do lugar da linguística soviética na linguística contemporânea], *Voprosy jazykoznanija*, nº 2, pp. 22-35.

---

"Modernisme et déshumanisation de la linguistique." *Langages*, nº 15, pp. 85-98. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge\\_0458-726x\\_1969\\_num\\_4\\_15\\_2520](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1969_num_4_15_2520).

- \_\_\_\_\_. (1983). *Jazyk - Real'nost' - Jazyk* [A língua – A realidade - A língua]. Moscou: Nauka.
- BUNAK, Viktor Valerianovič (1951). “Proisxoždenie reči po dannym antropologii” [A origem da fala de acordo com os dados da antropologia], in: LEVIN M. G.; DEBEC G. F.; ROGINKIJ Ja. Ja. (ed.). *Proisxoždenie čeloveka i drevnee rasselenie čelovečestva*. Moscou: Trudy Instituta etnografii Akademii nauk SSSR, novaja serija, vol. 16, pp. 205-290.
- \_\_\_\_\_. (1966). “Reč' i intellekt, stadii ix razvitija v antropogeneze” [Os estágios de desenvolvimento da fala e da inteligência na antropogênese], in: BUNAK, V. V. (ed.). *Iskopaemye gominidy i proisxoždenie čeloveka*. Moscou: Trudy Instituta etnografii Akademii nauk SSSR, novaja serija, vol. 92, pp. 497-555.
- ČIKOBAVA, Arnol'd Stepanovič (1980). “Istorizm i lingvistika” [O princípio histórico e a linguística], *Voprosy jazykoznanija*, n° 6, pp. 3-12.
- DESNICKAJA, Agnija Vasil'evna (1981). “Viktorija Nikolaevna Jarceva (k 75-letiju so dnja roždenija)” [Pelo 75º aniversário de Viktorija Nikolaevna Jarceva], *Izvestija Akademii nauk SSSR (Serija literatury i jazyka)*, vol. 40, n° 6, pp. 550-553.
- DEŠERIEV, Junus Dešerievič (1980). “Recenzija na: Beloded I.K., Ižakevič G.P., Čertoryžskaja T.K., Russkij jazyk kak istočnik obogaščeniya jazykov narodov SSSR, Kiev, 1978” [Em consideração a: Beloded I. K., Ižakevič G. P., Čertoryžskaja T.K., *O russo como fonte de enriquecimento das línguas dos povos da URSS*, Kiev, 1978], *Voprosy jazykoznanija*, n° 2, pp. 136-139.
- FILIN, Fedot Petrovič (ed.) (1967). *Sovetskoe jazykoznanie za 50 let* [A linguística soviética em 50 anos]. Moscou: Nauka.
- \_\_\_\_\_. (ed.) (1968). *Teoretičeskie problemy sovetskogo jazykoznanija* [Os problemas teóricos da linguística soviética]. Moscou: Nauka.

- \_\_\_\_\_. (ed.) (1970). *Leninizm i teoretičeskie problemy jazykoznanija* [O leninismo e os problemas teóricos da linguística]. Moscou: Nauka.
- \_\_\_\_\_. (1977). “Sovetskoe jazykoznanie: teorija i praktika” [A linguística soviética: teoria e prática], *Voprosy jazykoznanija*, n° 5, pp. 3-12.
- \_\_\_\_\_. (1981). “Ob aktual’nyx zadačax sovetskogo jazykoznanija” [De algumas tarefas presentes na linguística soviética], *Voprosy jazykoznanija*, n° 1, pp. 3-6.
- FOUCAULT, Michel (1969). *L’archéologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- GADET, Françoise e PÊCHEUX, Michel (1981). *La langue introuvable*, Paris: Maspero.
- GAMZATOV, Gadži Gamzatovič (1983). “Voprosy dvujazyčija v Dagestane” [Os problemas do bilinguismo no Daguestão], *Izvestija Adademii nauk SSSR (Serija literatury i jazyka)*, vol. 42, n° 3, pp. 246-252.
- GAYMAN, Jean-Marc (1979). “Lutte des classes et guerre des langues en URSS”, in: GADET, F.; GAYMAN, J.-M.; MIGNOT, Y.; ROUDINESCO, E. *Les maîtres de la langue (avec des textes de Marr, Staline, Polivanov)*. Paris: Maspero, pp. 149-196.
- IL’IČEV, Leonid Fedorovič (ed.) (1983). *Filosofskij ènciklopedičeskij slovar’* [Dicionário filosófico enciclopédico]. Moscou: Sovetskaja ènciklopedija.
- ISAEV, Magomet Iznajlovič (1977). “Rešenje nacional’no-jazykovyx problem v sovetskuju èpoxu” [A solução do problema linguístico-nacional no período soviético], *Voprosy jazykoznanija*, n° 6, pp. 3-12.
- JAKUBINSKIJ, Lev Petrovič (1931). “F. de Sossjur o nevozmožnosti jazykovej politikei” [F. de Saussure sobre a impossibilidade de uma política linguística], in: MARR, N. Ja. (ed.) *Jazykovedenie i materializm*, vyp. 2. Moscou



(Leningrado): Gosudarstvennoe social'no-èkonomičes koe izdatel'stvo, pp. 91-104.

JARCEVA, Viktorija Nikolaevna (ed.) (1972). *Èngel's i jazykoznanie* [Engels e a linguística]. Moscou: Nauka.

KOLESOV, Vladimir Viktorovič (1984). "Stanovlenie idei razvitija v russskom jazykoznanii 1-oj poloviny XIX veka" [O surgimento da ideia de desenvolvimento na linguística russa da primeira metade do século XIX], in: DESNICKAJA, A. V. (ed.). *Ponimanie istorizma i razvitija v jazykoznanii 1-oj poloviny XIX veka*. Leningrado: Nauka, pp. 163-199.

KOSTOMAROV, Viktor Grigor'evič (1975). *Russkij jazyk sredi drugix jazykov mira* [O russo entre as outras línguas do mundo]. Moscou: Prosveščenie.

KRYSIN, Leonid Petrovič (1984). "Jazyk i obščestvo" [Linguagem e sociedade], in: PANOV, M. V. (ed.). *Enciklopedičeskij slovar' junogo filologa: jazykoznanie*. Moscou: Pedagogika, pp. 339-341.

L'HERMITTE, René (1984). "Utopie et langage en URSS." *Revue des études slaves*, t. 56, fasc. 1, pp. 127-140.

LEONT'EV, Aleksej Aleksevič (1959). *Problemy razvitija psixiki* [Problemas de desenvolvimento do psiquismo]. Moscou: Izdatel'stvo Akademii pedagogičeskix nauk RSFSR.

\_\_\_\_\_. (1963). *Vozniknovenie i pervonačal'noe razvitie jazyka* [O surgimento e o desenvolvimento inicial da linguagem]. Moscou: Izdatel'stvo Akademii nauk.

\_\_\_\_\_. (1984). "Proisxoždenie jazyka" [Origem da linguagem], in: PANOV, M. V. (ed.). *Enciklopedičeskij slovar' junogo filologa: jazykoznanie*. Moscou: Pedagogika, pp. 242-243.

MEL'NIČUK, Aleksandr Savvič (1983). "K. Marks i razvitie sovremennogo jazykoznanija" [K. Marx e o desenvolvimento da linguística contemporânea], *Izvestija Akademii nauk SSSR (Serija literatury i jazyka)*, vol. 42, n° 3, pp. 195-204.

- MOUNIN, Georges (1972). *La linguistique au XXe siècle*. Paris: PUF.
- NEROZNAK, Vladimir Petrovič (1981). "II Vsesojuznaja konferencija po teoretičeskim voprosam jazykoznanija 'Dialektika razvitija jazyka'" [Segunda conferência nacional sobre os problemas teóricos da linguística: "Dialética do desenvolvimento da língua"], *Izvestija Akademii nauk SSSR (Serija literatury i jazyka)*, vol. 40, n° 1, pp. 89-91.
- PANOV, Mixail Viktorovič (ed.) (1984). *Enciklopedičeskij slovar' junogo filologa: jazykoznanie* [Dicionário enciclopédico do jovem filólogo: a linguística]. Moscou: Pedagogika.
- PÊCHEUX, Michel e FICHANT, Michel (1969). *Sur l'histoire des sciences*. Paris: Maspero.
- PLÉKHANOV, Georges [PLEXANOV, Georgij Valentinovič] (1912-1913[1949]). *L'art et la vie sociale*. Paris: E.S.I.
- PROTASENJA, Petr Fedorovič (1959). *Proisxoždenie soznanija i ego osobennosti* [A origem da consciência e suas particularidades]. Minsk (Bielorrússia): Gosudarstvennyj universitet imeni V.I. Lenina.
- ŠERMUXAMEDOV, Said Šermuxamedovič (1980). *Russkij jazyk - velikoe i mogučee sredstvo obščeniya sovetskogo naroda* [O russo, grande e poderoso meio de comunicação do povo soviético]. Moscou: Prosveščenie.
- TIX, Nina Aleksandrovna (1956). *K voprosu o filogeneze čeloveka* [A questão da filogênese humana]. Leningrado: Učenyje zapiski Leningradskogo gosudarstvennogo universiteta, vyp. 9.
- VINOGRADOV, Viktor Vladimirovič (ed.) (1964). *Teoretičeskie problemy sovremennogo sovetskogo jazykoznanija* [Os problemas teóricos da linguística soviética contemporânea]. Moscou: Nauka.
- VOJTONIS, Nikolaj Jul'evič (1949). *Predystorija intellekta* [A pré-história da inteligência]. Moscou (Leningrado): Izdatel'stvo Akademii nauk SSSR.